A Configuração da Indústria Fonográfica de Salvador e sua Inserção no Mercado Nacional[1]

Jussara Borges[2]
Flávia Ferreira[3]
Othon Jambeiro[4]

Universidade Federal da Bahia

Resumo

A indústria fonográfica é formada por empresas que concebem, produzem, distribuem e comercializam gravações de som, em seus diversos formatos. Ela atua associada a editoras - onde são registradas as autorias de textos e partituras - e a um conjunto de organizações industrial-comerciais. Todo o conjunto movimenta no mercado centenas de milhões de reais anualmente. Este texto busca caracterizar a indústria fonográfica de Salvador, Bahia, em termos do uso de tecnologias convergentes, organização e funcionamento, num contexto conceitual da Sociedade da Informação. Os resultados obtidos indicam que essa indústria é ainda incipiente em Salvador e se constitui por empresas de pequeno e médio porte. O nível de especialização é baixo, havendo várias empresas que atuam no mercado com base em atividades diversificadas, que vão da gravação de fonogramas à publicidade e propaganda.

Palavras-chave: Fonograma - Processos de Produção; Indústria fonográfica; Indústria fonográfica - Salvador (BA); Sociedade da Informação.

1 Introdução

O presente estudo é parte integrante do Projeto de Pesquisa "Infra-estruturas e Serviços de Informação e Comunicação: o Caso de Salvador" que objetiva investigar o desenvolvimento da chamada Sociedade da Informação naquela cidade, à luz do fenômeno contemporâneo de convergência tecnológica. A indústria fonográfica, nesse contexto, está classificada como serviço de produção e disseminação da informação.

No nível mundial e nacional, o mercado fonográfico, estimulado pela competição, tende à formação de conglomerados de empresas, interligando numa mesma corporação, desde empresas internacionais até pequenos negócios de caráter local. Continuam a existir, contudo, gravadoras de pequeno e médio portes, que tentam

[1] Trabalho apresentado ao NP - Políticas e Estratégias da Comunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom;
[2] Mestre em Ciência da Informação, Professora do ICI/UFBA. Jussaraborges2003@yahoo.com.br;
[3] Ex-bolsista de Iniciação Científica Pibic/Cnpq, Graduada em Biblioteconomia e Documentação, no Instituto de Ciência da Informação (ICI), UFBA. flaviaccf@yahoo.com.br;
[4] PhD em Comunicação, Professor Titular do ICI/UFBA. othon@ufba.br.

sobreviver desgarradas daqueles conglomerados, na maior parte das vezes com base na produção de músicas de compositores e artistas que ainda não estão no mercado nacional e internacional. Dado que são escassas as informações acerca dessas empresas, o objetivo da pesquisa em que se baseia este trabalho foi exatamente o de caracterizar a indústria fonográfica de Salvador, principalmente no que se refere ao uso de tecnologias convergentes, organização e funcionamento.

A indústria fonográfica é analisada como serviço derivado de uma infra-estrutura tecnológica constituída pela informática, a rede de telecomunicações e a micro-eletrônica:

I - a informática nas suas dimensões de *hardware* e de *software*;

II - a estrutura de telecomunicações, enquanto rede interligada nacional e internacionalmente; a indústria de equipamentos eletro-eletrônicos;

III – e a micro-eletrônica, particularmente as indústrias de semicondutores e de eletro-eletrônicos.

Sobre esta infra-estrutura são gerados serviços de comunicações e informações, particularmente os informativos e culturais: Internet, museus, arquivos, bibliotecas, editoração eletrônica e virtual, publicidade, imprensa, radio, cinema e TV (Jambeiro, 2004). O desenvolvimento desses serviços e da infra-estrutura que lhes dá suporte deu origem à chamada Sociedade da informação, na qual prospera incessantemente a convergência de capitais, serviços e tecnologias. A indústria fonográfica não escapou disto. Pelo contrário, ela está entre as principais componentes dos grandes conglomerados nacionais e internacionais que atuam no setor da informação e das comunicações. É sob este prisma que ela será analisada neste trabalho.

O texto faz inicialmente um histórico da atividade fonográfica, no Brasil, e descreve as etapas de produção e as tecnologias utilizadas. Em seguida faz-se a caracterização dessa indústria em Salvador, principalmente em termos de porte, diversificação e tecnologias utilizadas.

2 Métodos e Procedimentos

A metodologia usada na pesquisa constituiu de:

a) Coleta e análise de dados sobre as gravadoras de fonogramas brasileiras, tomando como fonte principal a Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD, 2003).

b) Mapeamento das empresas produtoras de fonogramas sediadas em Salvador, mediante consulta ao cadastro da Junta Comercial do Estado da Bahia (Juceb) Nessa etapa realizou-se visita a cada uma das empresas, para checagem dos dados. Como estavam, em sua maior parte, inativas, realizou-se um segundo mapeamento, a partir da localização das produtoras de fonogramas na lista telefônica e na Internet. Utilizou-se também o cadastro de estúdios soteropolitanos, elaborado pela Faculdade de Comunicação da UFBA, assim como *websites* de empresas ligadas a cantores e bandas baianos. Nova checagem em campo confirmou a existência de 11 empresas produtoras de fonogramas em Salvador.

c) Pré-teste do instrumento de coleta de dados com 3 das 11 empresas mapeadas. Após a efetivação do pré-teste realizou-se a discussão e análise dos resultados encontrados. O instrumento foi aperfeiçoado, sendo incluídas questões que se fizeram necessárias para otimizar as entrevistas.

d) Após o pré-teste do instrumento e da sua reformulação, procederam-se as entrevistas com as produtoras de fonogramas;

e) Finda as etapas acima, realizou-se a sistematização e análise dos dados. A pesquisa de campo foi iniciada em novembro de 2005 e finalizada em abril de 2006. O questionário continha questões objetivas e subjetivas.

3 A Indústria Fonográfica no Brasil

3.1 Estrutura da indústria fonográfica

A indústria fonográfica é formada por empresas encarregadas da concepção, produção, distribuição e venda de gravações em seus diversos formatos. Quando completa, reúne quatro atividades: a artística, a técnica, a comercial e a industrial, que podem ser agrupadas em duas categorias dominantes: a cultural (artística) e a material (industrial) (Jambeiro, 1975, p.45). A compreensão da predominância existente entre a atividade cultural ou a material implica no estabelecimento da diferença entre estúdio e gravadora, “que pode ser vista como uma manifestação daquela existente entre o Céu e a Terra, que tomamos como metáfora da separação vigente entre a cultura e a produção material” (MORELLI, 1991, p.89).

Quando a predominância é da atividade cultural significa que a empresa trabalha basicamente com estúdios, onde se realiza a gravação e onde atuam intérpretes, músicos, produtores e técnicos de som. Várias delas contratam outras empresas para

realizar a parte material. Quando a predominância é da atividade industrial, a gravadora realiza as atividades técnicas e artísticas, mas têm seu foco principal na industrialização e distribuição dos produtos materiais, os discos.

Os setores da indústria fonográfica são mostrados no Quadro 1. Ele explicita como ela se organiza, segundo divisões de atividades por setor, descrevendo as suas atribuições e os respectivos profissionais responsáveis pelo desenvolvimento de cada um desses setores.

Setor	Atribuição	Equipe de trabalho
Artístico	Responsável pela elaboração do aspecto intelectual das gravações.	Diretor artístico ou de produção, equipe de produção(orquestradores, regentes e produtores).
Técnico	Maneja a completa aparelhagem que capta, filtra, distribui e fixa os sons,.colaborando com o setor artístico no ato da gravação e na equalização final do disco.	Especialistas em áudio e eletrônica.
Comercial	Cuida da promoção e distribuição dos CDs	Especialistas em marketing , representantes comerciais e venderores.
Industrial	Reproduz o fonograma em moldes chamados matrizes ou *stampers.*	Técnicos de produção e operários.

Quadro 1: Os Setores da Empresa Fonográfica: atividades e equipe de trabalho.
Fonte: Adaptado de Jambeiro (1975, p. 45-46).

Mesmo quando a empresa fonográfica não se estrutura com todos os setores mostrados no quadro acima ela não deixa de ser caracterizada como produtora, já que esta condição lhe é reconhecida não em função do aspecto fabril ou comercial e sim pelo aspecto artístico e técnico que constitui o fonograma.

O fonograma, em qualquer formato, é, segundo MORELLI (1991, p.94), uma mercadoria musical, realizada a partir do ato de entrega de sua criação, pelo autor, à gravadora, em troca de uma participação percentual nas vendas dos produtos gerados por sua utilização.

3.2 Histórico

No cenário mundial, a música brasileira, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Discos - ABDP (2004) está entre as 20 primeiras do ranking de vendas. Porém, não é pelas cifras que movimenta que é mais lembrada, mas pelos gêneros, estilos e ritmos musicais, que tornaram mundialmente conhecidos nomes como Tom Jobim, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, entre outros. Fora do circuito dos

Estados Unidos e da Europa, o Brasil foi o primeiro país a gravar discos, em 1902, tendo, portanto, uma atividade fonográfica centenária.

Mas a primeira indústria propriamente dita só foi inaugurada em 1927, no Rio de Janeiro: a Odeon, já com o sistema elétrico de gravação de discos. Nas décadas de 30 a 45, considerada a "Época de Ouro", a indústria desenvolveu-se extraordinariamente, utilizando-se dos discos de 78 rotações e beneficiando-se do crescimento das vendas de vitrolas importadas dos Estados Unidos. Essa época foi seguida pelo "Período áureo do rádio e dos programas de auditório" (1946-1957), quando novos cantores surgem e se transformam em grandes vendedores de discos.

Nas décadas de 60 e 70 surgem a Bossa Nova, a Jovem Guarda, o Tropicalismo e as músicas de festivais, que fomentaram a venda de discos brasileiros, inclusive para o exterior. A indústria acompanhou todos esses movimentos, passando das 78 rotações (que comportava uma música de cada lado) para 45 (que comportava até oito músicas) e para 33 (que comportava até 16 músicas), esta última – conhecida como Long Playing-LP - a mais duradoura. Somente em 1983 foi lançado mundialmente o Compact Disk-CD, coincidindo com uma época marcada pela revelação de uma nova geração de artistas que comercializavam o chamado *rock* brasileiro.

A partir da década de 90 até os dias de hoje a música popular brasileira é divulgada por meio de novos e diversificados gêneros, expandindo-se a partir do surgimento de novas tecnologias, como por exemplo, o MP3 "que emergiu como um 'verdadeiro mercado', onde quase tudo é permitido de forma livre e independente" (BORGES ; RIBEIRO 2005, p.1).

3.3 Situação Atual

Do cadastro da Associação Brasileira de Produtores de Discos-ABPD (2004) constam as seguintes gravadoras: Abril Music, Sony e BMG *entertainment*, CID Entertainment, Indie Records, MK Publicitá, Som Livre, Sonopress, Trama, Universal Music, Warner Music Brasil, EMI Music, Anhangüera Produtora e Editora Musical. Dentre elas há vários exemplos de grandes conglomerados comerciais, como, por exemplo:

a) A Abril Music, criada pelo Grupo Abril - um dos maiores conglomerados de empresas de comunicação da América Latina – que está presente em praticamente todos os segmentos de comunicação: revistas, TV a cabo e por satélite, vídeo e publicações.

b) A BMG, que se uniu à Sony Music, originando a Sony e BMG *Music Entertainment*. Juntas, reuniram um vasto elenco de grandes artistas brasileiros e

estrangeiros, além de um riquíssimo catálogo com os mais importantes artistas da história da música.

c) A Trama, que iniciou suas atividades em 1998, e dois anos depois deixou de ser apenas uma gravadora para se consolidar no mercado brasileiro como uma *media company*, ou seja, uma empresa voltada para a produção de conteúdo em diversas mídias. A Trama investe no desenvolvimento de conteúdo multimídia, utilizando os recursos das cinco empresas de seu "guarda-chuva" – Trama Gravadora, Trama Filmes, Trama Estúdios, Trama Eventos e Trama Interativa.

d) A Warner Music Group, fundada quando três gravadoras americanas, Warner Bros Records, Elektra e Atlantic se uniram, formando a WEA Music, em 1970. No Brasil, a empresa representa o selo WEA desde 1976. Em setembro de 1993 aumentou seu *cast* de artistas ao comprar a gravadora Continental. Em 2003 o conglomerado Time Warner vendeu seu "braço musical" (Warner Music) para um grupo de investidores.

O Quadro 2 mostra que cerca de 87% das grandes gravadoras estão sediadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Isto evidencia o monopólio do mercado fonográfico pelos dois maiores centros urbanos do País, o que dificulta a inserção de empresas de pequeno porte nesse cenário.

Gravadoras	Localização
Abril Music	Rio de Janeiro/São Paulo
Sony e BMG Music Entertainment.	Rio de Janeiro/São Paulo
CID	Rio de Janeiro/São Paulo
Indie Records	Rio de Janeiro
MK Publicita	Rio de Janeiro
Som livre	Rio de Janeiro/São Paulo
Trama	Rio de Janeiro/São Paulo
Universal Music	Rio de Janeiro/São Paulo
Warner Music Brasil	Rio de Janeiro/São Paulo
EMI	Rio de Janeiro/São Paulo
Anhangüera Prod. e Ed. Musical	Goiás
Pantanal discos	Mato Grosso do Sul
Paulinas COMEP	São Paulo
Line Records	Rio de Janeiro
Via Brasil Records	São Paulo

Quadro 2: Gravadoras brasileiras
Fonte: Adaptado da ABPD (2003).

A Tabela 1 relaciona as empresas por ano de fundação, evidenciando que metade delas foi criada entre 1991 e 2000. As mais antigas, em número de cinco, foram criadas

antes de 1960. Daí em diante, por 30 anos, somente sobreviveram 2 das outras gravadoras criadas no período.

Tabela 1: Ano de Fundação das Gravadoras

Período	N° de Gravadoras	(%)
De 1950 a 1960	5	36
De 1961 a 1970	1	7
De 1971 a 1980	1	7
De 1981 a 1990	0	-
De 1991 a 2000	7	50
Total	14	100

Fonte: Adaptada da ABPD (2003).

4 A Indústria Fonográfica em Salvador

Salvador é o terceiro maior município do País, em população, só superado por Rio de Janeiro e São Paulo. Disputa com Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza e Recife, não só a atração de empresas globalizadas da nova onda de investimentos (montagem eletrônica, empresas de *software*, parques temáticos, entre outros), mas também a localização dos centros de decisão de organizações estatais e não-governamentais, de empresas horizontalizadas e de redes de empresas que atuam no espaço interregional de sua área de influência.

Existem na Cidade 11 empresas do ramo fonográfico. O período de fundação dessas empresas varia de 1970 a 2005. A maior parte delas ainda se encontra numa fase inicial, principalmente quando comparadas aos conglomerados empresariais localizados no Rio de Janeiro e em São Paulo. Verifica-se, também, que das 11 organizações pesquisadas, 10 tiveram suas atividades iniciadas a partir da década de 90, tendo sido localizada apenas uma empresa que tinha iniciado suas atividades na década de 70 (Tabela 2). Essa empresa é a WR gravações, que desde 1970 vem realizando atividades de gravação, produção de artistas e de shows, sendo considerada uma das mais tradicionais empresas de gravação de fonogramas em Salvador.

Tabela 2: Ano de Fundação das Produtoras de Fonogramas Soteropolitanas

Período	N° de Produtoras	(%)
De 1950 a 1960	-	-
De 1961 a 1970	1	9
De 1971 a 1980	-	-
De 1981 a 1990	-	-
De 1991 a 2000	7	64
De 2001 a 2005	3	27
Total	11	100

De acordo com a Tabela 2, o prazo de fundação e permanência das pequenas empresas, no mercado fonográfico soteropolitano, indica que essa atividade ainda é desenvolvida num cenário instável. Ele é caracterizado pelo curto prazo de "sobrevivência" das empresas de pequeno porte no mercado, como demonstram tanto o cadastro das empresas produtoras de fonogramas, fornecido pela Juceb (2005), quanto o de estúdios de gravação e de ensaios, elaborado pela Facom (2001). Em ambos observa-se que das 35 empresas que constam nesses cadastros apenas 10 estavam ativas.

As entrevistas revelaram que 60% já realizavam gravação de música desde sua fundação, enquanto 40% passaram a desenvolver essa atividade após a demanda da clientela. Isto evidencia que em parcela significativa delas (cerca de 40%) a incorporação da atividade de produção de fonogramas vem sendo implementada a partir de demandas do mercado e não por decisão prévia dos empresários (Figura 1).

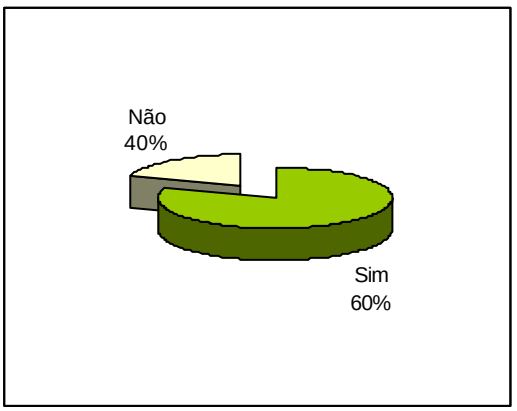

Figura 1: Empresas que Gravavam Fonogramas Desde a Época de Fundação

Quanto ao porte das empresas, a Figura 2 mostra que 55% se declararam de porte micro, 27% de porte médio e18% de porte pequeno. Isto evidencia que esse mercado ainda é preponderantemente constituído de empresas de pequeno porte que segundo os entrevistados, se formaram por meio de associações entre profissionais que já trabalhavam com a música, como, por exemplo, cantores e músicos. Vale ressaltar que das 11 apenas uma declarou ter relação de sociedade com outra empresa, localizada em São Paulo.

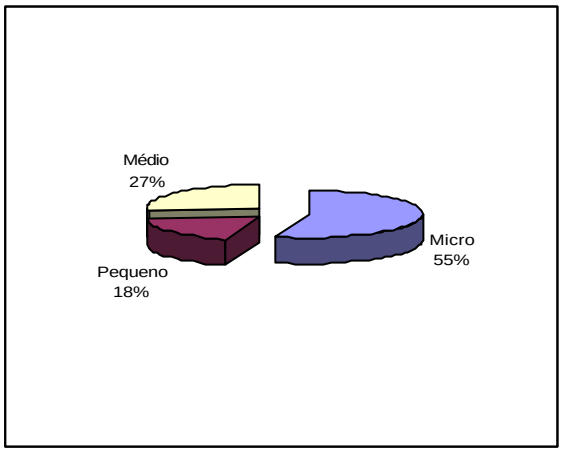

Figura 2: Porte das produtoras fonográficas soteropolitanas

Apenas uma delas não desenvolve outros tipos de serviços, além da gravação de áudio, enquanto que as demais atuam em outros tipos de atividades no mercado. A alegação é de que se estruturam assim para poderem se manter no mercado. Na verdade, a produção de fonogramas é uma atividade secundária. Uma delas realiza *shows*, eventos, exposições de fotografias, produções audiovisuais, edição de livros, edições musicais e produções fonográficas. E outras três diversificam suas atividades entre gravação de publicidade para o rádio (*spots*), serviços de estúdios para ensaios, produção de shows, produção de vídeo, sonorização de ambientes e mesmo rádio comunitária (Tabela 3).

Tabela 3:
Outras atividades desenvolvidas pelas produtoras

Atividades	Nº de empresas	(%)
Agência publicitária	6	40
Estúdio para ensaio	3	20
Produção de Show	2	13
Editora	1	7
Produtora de vídeo	1	7
Sonorização	1	7
Rádio comunitária	1	7
Total	15	100

No que se refere às tecnologias utilizadas pelas organizações, ou seja, seus equipamentos de produção sonora, observa-se que em 64% delas, todos os equipamentos são digitais, enquanto 36% ainda desenvolvem seu trabalho utilizando equipamentos analógicos (Figura 3). Esses percentuais caracterizam as tecnologias de produção da empresa fonográfica soteropolitana como em fase de desenvolvimento, uma vez que um número considerável ainda trabalha com equipamentos ultrapassados.

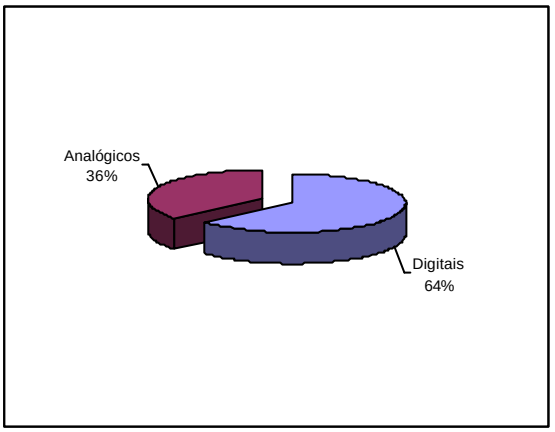

Figura 3: Tipologia dos Equipamentos Utilizados

O número de canais utilizados nas gravações é outro indicador do relativo atraso das gravadoras sediadas em Salvador. A Tabela 4 mostra que cerca de 72% das produtoras possuem até 32 canais, isto é, estão aquém das condições consideradas, nos dias de hoje, boas para a produção de sons.

Tabela 4: Número de Canais de Som dos Equipamentos das Produtoras Soteropolitanas

Nº de Canais	Nº de Empresas	(%)
8	1	9
14	2	18
16	2	18
24	1	9
32	2	18
54	1	9
64	1	9
120	1	9
Total	11	100

Além da gravação de músicas, as produtoras fonográficas de Salvador produzem os seguintes conteúdos (Tabela 5): propagandas para o rádio (55%), sonoplastia de peças teatrais (27%), gravação de audiovisuais (9%) e obras de ficção e não-ficção (9%).

Tabela 5: Tipo de Conteúdos Gerados pelas Produtoras Soteropolitanas

Tipos de conteúdos	Nº de empresas	(%)
Propagandas para o rádio	6	55
Sonoplastia para peças teatrais	3	27
Gravação de audiovisuais	1	9
Obras de ficção e não-ficção	1	9
Total	11	100

5 Considerações Finais

Os dados mostram que a indústria fonográfica de Salvador é formada basicamente por empresas de micro e pequeno porte, cuja infra-estrutura ainda se encontra em desenvolvimento, particularmente no que se refere aos equipamentos utilizados. Em quase todas elas, segundo revelado nas entrevistas, a responsabilidade pela divulgação das produções artísticas é dos próprios artistas, esgotando-se a responsabilidade da empresa na reprodução de matrizes. Para realizar a fase de comercialização e distribuição, com o selo de uma gravadora musical, o cantor deve buscar pelo serviço em outras localidades. Como vimos, apenas uma realiza todas as etapas de produção e comercialização, porque está associada a uma empresa de São Paulo.

Parece óbvio, portanto, que o cenário da produção de fonogramas em Salvador demanda a formulação de políticas públicas que estimulem, ao mesmo tempo, a produção local de fonogramas e a estruturação empresarial das gravadoras, num nível de competição, pelo menos nacional. Só assim os produtores fonográficos de Salvador poderão sair da condição de mero coadjuvantes no mercado, e mesmo assim, em produções quase artesanais e puramente locais. Uma situação que pode ser classificada de exclusão empresarial.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES DE DISCO (ABPD). Mercado Brasileiro de música 2002. Rio de Janeiro: ABPD, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES DE DISCO (ABPD). Mercado Brasileiro de música 2003. Rio de Janeiro: ABPD, 2004.

BORGES, Luiz Fernando; RIBEIRO, José Carlos C. As novas tecnologias e o processo de pré-produção da indústria fonográfica: aproximações possíveis. In: ENCONTRO LATINO DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA, 5, 2005, Salvador, 2005.

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO (FACOM). Salvador Estúdio Site. Salvador: FACOM/UFBA, 2001. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/com024/estudiosite/index.htm>. Acesso em: 28 mar. 2005.

JAMBEIRO, Othon. **Canção de massa:** as condições de produção. São Paulo: Pioneira, 1975.

JAMBEIRO, Othon**. Infra-Estrutura e Serviços de Informação e Comunicação:** O Caso de Salvador. Salvador, 2004.20 f. Projeto de pesquisa (CNPq) – Instituto de Ciência da Informação, UFBA, 2004.

JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DA BAHIA (JUCEB). Disponível em: <http://www.juceb.ba.gov.br/2006.asp>. Acesso em: 11 mar. 2005.

MORELLI, Rita C. L. **A indústria fonográfica:** um estudo antropológico. São Paulo: Editora da Unicamp, 1991. p.183-189..